5.º ANO — LISBOA—QUARTA-FEIRA, 15 DE ABRIL DE 1925 — N.º 1233

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO,
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

O OURO

da lendaria Ophir

Durban, Fevereiro — A primeira coisa que nos impressiona, quando desembarcamos em Durban, depois de ter tomado o ligeiro *richsaw* que nos conduz a *West Street*, são as grandes lojas de modas, as montras deslumbrantes onde as sedas mais caras vestem artisticos manequins, as exposições scintilantes dos joalheiros, onde se encontra o que ha de mais raro em pedras preciosas e em ouro lavrado, as *vitrines* prodigiosamente iluminadas onde os mercadores expõem com delicada arte todas as modas frivolidades da *toilette* feminina.

E a gente pergunta, depois de ter curiosidade durante algumas horas esses sontuosos mostruarios de feminina delicadeza, onde estão as mulheres que põem sobre os ombros essas deliciosas *sorties de bal*, que calçam os seus pésinhos minusculos com esses delicados sapatos de fantasia do mais puro *smart*, que adornam o colo de puro e marfim com essas joias preciosas onde brilham os diamantes da lendaria Ophir?

Uma cidade como Durban, que expõe nas suas montras — e ha quilometros de montras nas intermináveis ruas comerciais da cidade maritima — uma tal abundancia de artigos de luxo, para senhoras, para homens, para crianças, deve ter, por certo, uma enorme população cheia de dinheiro, para que se permita o luxo de sustentar uma riqueza comercial como não existe em algumas das grandes cidades da Europa.

E, no entanto, a ultima estatistica não lhe dá mais que 140.000 habitantes, dos quais 85.000 são indigenas e 25.000 asiaticos.

Quem veste então esses preciosidades de elegancia e de bom gosto que enchem as montras scintilantes de *West Street*? Onde estão as lindas estatuetas que envolvem a epiderme de veludo em longos colares de perolas de Ophir? Onde se ocultam as belezas peregrinas que os nossos olhos procuram por toda a parte, depois de terem devassado a delicadeza da sua roupa branca e o encanto das suas camisas de dormir?

Não sei. Não sei. Talvez no teatro, talvez na praia, talvez na intimidade suave do *home*. E pode ser que sejam invisiveis como as fadas misteriosas dos contos orientais...

Se procurarmos bem, o segredo do extraordinario desenvolvimento que tomou nos ultimos anos esta grande metropole africana encontra-se no seu admiravel porto, o primeiro da União, que atrai a Durban uma enorme população flutuante, e tambem no seu excelente clima, temperado durante o inverno, o que torna a cidade ponto de reunião elegante da gente rica que desce das minas de ouro do Transvaal e das *farms* do Estado Livre de Orange durante os meses de maio a setembro.

Nessa epoca, a cidade toma uma extraordinaria animação. Os hoteis enchem-se de milionarios que durante metade do ano entesouraram o ouro que gastam ás mãos cheias durante a outra metade. Durban, que é no geral tão silenciosa e discreta como convem a uma cidade inglesa, trepida sob a acção poderosa desse fluxo metalico e humano que lhe enche os cofres e os hoteis.

Por isso a vida é cara. Eles não discutem o preço, eles não dão valor ao dinheiro, eles pagam tudo em bom ouro do Rand.

* * *

Além do seu aspecto europeu, que lhe é dado pelos edificios monumentais de West Street e pelo movimento febril da cidade baixa, Durban tem ainda uma face colonial, improvisada, sem caracter definitivo.

A população de côr, bem como os asiaticos, os infatigaveis malaios e os astutos baneanes, têm o seu bairro áparte, afastado da cidade, na estrada que conduz a Umgeni e para além do rio.

Quem passa, vê á porta das casas de madeira as mulheres de tez morena penteando os longos cabelos sedosos que têm o brilho faiscante do azeviche.

Mas se fôr á praia, numa destas tardes luminosas de Fevereiro, tambem vê os mesmos adoradores de Brahama passeando o seu turbante e o seu olhar inquieto num automovel de luxo, á hora em que o *surfing* vai mais animado.

E' um dos aspectos mais pitorescos e mais elegantes de Durban — a *Beach*. Em primeiro logar, a vida das praias inglesas difere completamente da vida das nossas praias. Ha uma á vontade, um desprendimento, uma liberdade de costumes que aí não podiam deixar de ser taxadas de imorais. Porque o sejam, em boa verdade? Santo Deus, não! Porque parece que o são.

Ora nós ainda compreendemos a moral á velha maneira romana da mulher de Cesar: Não basta ser honrada, é preciso parecê-lo. E estas adoraveis mulheres loiras que nós vemos na praia, tomando banho, tomando sol ou tomando chá, realizam o milagre de se entregar a toda a gente — sem que ninguem as possua.

Depois, a *Beach* tem o seu encanto. São as crianças que nadam na piscina, que passam um dia inteiro dentro de agua, que brincam com uma alegria que chega ao sol; são essas raparigas deliciosas que se entregam ao mar com um sorriso nos labios e que vêm no *surf*, ao sabor da onda, até á praia; são esses corpos adoraveis, cheios de mocidade e de frescura, que se estendem na areia com gestos indolentes e voluptuosos; é toda esta atmosfera perfumada e elegante que aos nossos olhos tem o encanto misterioso da volupia e do pecado.

* * *

Aqui tens a palida visão do quadro em que se transformou a lendaria costa da Ethiopia, almirante das Indias. O leopardo inglês, ao colocar a pata sobre o continente negro, espalhou tambem sobre ele a civilisação, o conforto e o luxo.

Quando as naus portuguesas despejavam sobre a costa de Africa esses bandos sofregos de aves de rapina que vinham em busca do ouro e das pedras preciosas do maravilhoso país de Ophir — ouro que corria no leito dos rios tão abundante como o maná no deserto — ninguem adivinhava então a riqueza imensa que se escondia entre o Zambeze e o rio de Orange. Foi preciso que viessem os ingleses para que as areias começassem a produzir ouro, as cidades a crescer rapidamente e os vales a povoarem-se de *farms* abundantes e de jardins maravilhosos.

O que a nossa incuria abandonou, o que o nosso desleixo criminoso desprezou, souberam-no eles aproveitar com sabia inteligencia.

De tal sorte, que no vasto territorio da Africa Austral, pouco menos do que abandonado ha uma centena de anos, flutua hoje a bandeira de uma poderosa nacionalidade que mais cedo ou mais tarde ha de influir sobre os destinos do mundo.

Norberto Lopes

A PROPOSITO da ingratidão de que são victimas os grandes advogados, o jornal parisiense *Candid* conta a seguinte anecdota:

—Num grupo de advogados em que se deplora a ingratidão dos clientes, alguem pregunta ao dr. A. A. que pleiteou, em 1909, uma das causas criminais mais celebres do seculo: o processo de M.me S. (Steinlein).

—Essa ao menos soube ser grata, não é verdade? Uma mulher como ela nunca poderia deixar de manifestar o seu reconhecimento por tudo o que o dr. fez em sua defeza.

—Realmente, não se esqueceu de mim, replicou o dr. A. A. com um sorriso indulgente. Depois da noite celebre da sua absolvição, enviou-me um cartão postal... talvez dois, se não estou em erro...

—E depois?

—Depois... mais nada, disse o dr. A. A. no mesmo tom tranquilo. A'parte isso, soube como toda a gente, que se casou na Inglaterra com um *lord* e que vive feliz, rica e respeitada.

* * *

PARA que, entre nós, houvesse uma verdadeira sala de conferencias, foi necessario que a União Intelectual Portuguesa — a exemplo das suas congeneres estrangeiras reune escritores e artistas, sem distinção de ideias politicas ou crenças religiosas — tomasse o caso a peito, conseguindo que lhe fosse cedido o magnifico salão de S. Carlos.

A sua inauguração deve realizar-se, na proxima semana, com uma conferencia, em que entram Vianna da Motta e Francisco de Lacerda, sobre Bach.

Os bilhetes, que se encontram á venda na livraria Aillaud, estão tendo uma grande procura.

* * *

O NUNCIO de Sua Santidade ofereceu hoje, no palacio da Nunciatura, um almoço ao sr. dr. Pedro Martins, ministro dos Negocios Estrangeiros, e a que assistiram tambem os srs. embaixador do Brasil, ministros da Espanha, Argentina, Alemanha, França, encarregado de negocios da China, dr. Gonçalves Teixeira, director dos negocios politicos e diplomaticos; conego Anaquim, vigario geral do patriarcado, marquês de Artel, dr. Weiss de Oliveira, Arenas de Lima, conselheiro junto da nossa legação no Vaticano, auditor da Nunciatura, mr. Felice, e o secretario mr. Forni.

* * *

ANTONIO de Cértima contribuiu para a comemoração do 9 de Abril com uma *plaquette* que intitulou — «Legenda Dolorosa do Soldado Desconhecido de Africa». Traz este sub-titulo:

«Cristo não é mais do que eu: ambos dois morremos pelos outros. Fala dum moribundo no Hospital de M'Lamba (Kionga)».

Lopes Vieira precede-a duma inscrição digna de ser lida por todos os portugueses que velam pelo nosso futuro.

* * *

TEM sido muito visitada a notavel exposição de Fernandes Tomás, na Casa Alcobia, na rua Ivens, havendo já muitos quadros vendidos.

A' tarde, ha chá servido pela «Garrett», tocando um sextelo.

* * *

O SR. dr. Antonio da Fonseca, ministro de Portugal em Paris, vaio a Lisboa exclusivamente para visitar seu pai, que se encontra gravemente enfermo. Ao contrario do que foi noticiado, o ilustre diplomata faz a viagem á sua custa.

PELO seu interesse publicamos a seguinte carta, que nos é enviada de Faro:

Sr. director — Num dos capitulos sôbre a Historia do Palacio Nacional de Queluz, por v. transcritos no seu *Diario de Lisboa*, alude-se a uns panos de Arrás que, em 9 de Novembro de 1787, foram enviados para Queluz, alusivos á Historia Sagrada.

Não seriam alguns deles da fabrica criada em Tavira por alvará de 31 de Maio de 1776, por D. José, fabrica donde, no dizer de Baptista Lopes, saíram obras primorosas em lã e seda, algumas das quais, como uns *panos de ras representando José no Egypto, estrum entrada na arrecadação real do tesouro dos palacios dos nossos reis*?

Se v. achar algum interesse em fazer a pregunta a algum erudito, muito lh'o agradecerá o de v. etc. — *Vieira Branco*.

* * *

O ESCRITOR francês André Gide decidiu deixar a França, empreendendo uma larga viagem, que muitos interpretam como uma renuncia ás glorias literarias.

Antes de partir, decidiu leiloar uma parte da sua biblioteca, principalmente os livros que lhe foram oferecidos por escritores que hoje não são seus amigos.

O caso produziu sensação, visto que ninguem compreende que as ofertas de amizade e de admiração venham a converter-se em desgosto ou indiferença.

* * *

ESTA' em distribuição o «Relatorio de 1924 da Comissão dos Padrões da Grande Guerra», que mostra o escrupulo com que os seus fundos, sempre crescentes, são administrados.

O nosso embaixador no Rio de Janeiro enviou ha pouco a quantia de 55.632$10, com que a nossa colonia contribuiu para a subscripção nacional. O capitão Jaime Pereira Reis entregou 6:300 francos belgas, que representam a colaboração dos portugueses residentes no Congo belga.

* * *

COM um prologo de Campos Monteiro e um epilogo de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, publicou Ricardo Cruz um poema, a que poz este titulo — *O Exilado*.

Inspira-se na saudade, o sentimento caracteristico do nosso povo.

Ricardo Cruz, que não conheceu escolas, vive em tamanha intimidade com o seu coração que lhe interpreta todas as suas palpitações, sem cometer a mais ligeira inconfidencia.

A edição, muito esmerada, pertence á Livraria Nacional e Estrangeira.

* * *

HOJE teve lugar a 3.ª conferencia da serie que o corpo clinico do Banco do Hospital de S. José vem realizando, por iniciativa e sob a direcção do dr. José Gentil, a fim de instituir rotinas de tratamento nos serviços de urgencia.

Foi conferente o dr. Amandio Pinto, que falou sobre «Ventre agudo».

* * *

A CRIAÇÃO do julgado municipal de Macieira de Cambra continua na berlinda. Agora é a comissão municipal do P. R. P. de Oliveira de Azemeis que envia uma representação ao Parlamento.

* * *

A 1.ª SERIE da Ordem do Exercito, que deve saír no fim da presente semana, publica o novo regulamento das continencias e honras militares.

AS NOSSAS POETISAS

Do livro «Amanhecer»

de Maria Helena

transcrevem-se algumas poesias

Moinho velho

Moinho de asas brancas, côr de neve
Que de leve
Se elevam suspirando pelos ares.
Moinho de asas lindas, de asas mansas
Que balanças
As tuas quatro pás lá pelos ares.

Pombas erguidas para o Ceu voando
Vão em bando,
Como em sonho, a gemer penas d'amor.
E pelas nuvens prantos repartindo
Vão seguindo
Cantando a soluçar penas de amor.

Moinho de asas lindas a voar,
A chorar,
Magoas da mocidade já distante.
Quantas saudades, minhas asas santas!
Ai! Mas quantas
Do tempo que passou já tão distante,

Quando p'ra ti chegava a primavera,
Folhas de hera
Cingiam os teus muros caprichosas.
Ai! Já não tens o seu abraço terno.
Tens inverno
Em vez das suas folhas caprichosas.

Antigamente as aves côr de aurora
Campos fóra,
Vinham p'ra o teu beiral fazer os ninhos
Mas hoje vão buscar novos amores
Entre flores,
Nos muros brancos vão fazer seus ninhos

Já não tens a moleira tão antiga
Velha amiga,
Que gostava de ouvir-te, ao descansar.
Partiu numa viagem, sem um grito,
P'lo Infinito,
Lá foi na paz da morte descansar.

Não ouves o cantar das criancinhas,
Suas netinhas,
Contentes a sorrir ao pé de ti.
Ai! Já não vês as pombas no telhado
Recortado,
Que fogem de poisar ao pé de ti,

Moinho de asas brancas, meu amigo,
Eu bemdigo
As tuas asas brilhando á luz do Sol.
Não teem côr tuas paredes velhas
Nem as telhas
Que ao longe faz brilhar a luz do Sol.

Moinho de asas brancas de pureza,
Que tristeza
Nas tuas pobres velas enrugadas!
Fazem lembrar o adeus da mocidade,
Que saudade
Eu vejo nas tuas velas enrugadas!

Ai! Já não dás abrigo nem guarida.
Foi-se a vida
Como foram tambem as folhas de hera.
Fogem de ti os melros do pomar,
Vão cantar
Alegres, juvenis, nas folhas de hera.

Nunca mais tu verás pelo caminho
O burrinho
A caminhar p'ra ti todo contente.
Já não lhe dão farinha p'ra trazer
E a moer
A' santa moleirinha a rir, contente.

Não sentirás jámais o trigo loiro,
Teu tesoiro,
Gemer nas tuas mós, côr do arminho.
Nunca mais! Nunca mais! Que dôr, que dôr!
Oh Senhor!
P'ra as tuas lindas mós côr do arminho.

Moinho de asas brancas, côr da neve,
Foi em breve
Que se acabou p'ra ti a f'licidade.
Tempo da tua infancia, tão risonho,
Foi um sonho
Feito de luz, de encanto, e f'licidade.

Eu compreendo o teu viver penoso;
Desditoso
Teu soluçar dorido, magoado.
E dá-me pena de te ver tão só.
Sinto dó
E compreendo o teu chorar magoado.

Assim, moinho velho, meu amigo,
Sou contigo
Nas horas de tristeza e de abandono.
Repousa dessa dôr que não tem fim,
Junto a mim
Não é já tão pesado o abandono.

E's hoje o relicario consagrado
Do passado,
Que está a soluçar no pó da estrada.
Haja o respeito assim, de quem entrar
A resar
Nesta capela á beira duma estrada!

MARIA HELENA

Outra poetisa... São já tantas como as rosas da melhor primavera que ha-de beijar a Terra.

Chama-se Maria Helena e o seu livro *Amanhecer*. E', na verdade, um amanhecer harmonioso de ritmos que sobem da sua alma, sem esforço, pelo desejo encantador e puro de se sentirem subir.

Maria Helena canta o Amor, a Natureza, com uma satisfação muito intima, que a dôr, de vez em quando, confrange.

Os seus versos são sentidos—e duma tecnica perfeita. Lêr o *Amanhecer* é vêr, na verdade, amanhecer. Os versos de Maria Helena dão-nos á alma o encanto duma divina madrugada.

Canção das folhas caidas

Envolvida na poeira,
A mortalha derradeira
Dos nossos corpos gelados,
Dizemos adeus á vida,
Que foi alegre e florida
Em momentos bem fadados,

Já démos sombra e frescura
E embalámos com brandura
A canta fôfa dos ninhos.
Agora os seus moradores
Deixam-nos gemendo em dôres,
Sem consolo e sem carinhos.

Quando um sorriso era a vida,
Uma alegria florida
Em baixos cheios de côr.
Vinham-nos beijar, ansiosos,
Os aromas perturbantes
Das laranjeiras em flôr.

Quando a aurora despontava
E o Sol imenso espreitava
Pela alta penedia,
A nossa voz meiga e quente
Resava ao Omnipotente
Em hosanas de alegria.

Quantas vezes com amôr,
Livrámos o cavador
Da ardencia do Sol doirado.
E, enquanto ele descansava,
A nossa voz murmurava
Um segredo apaixonado,

Mas, ó suprema ironia!
A ventura é fugidia
E acaba em desilusão
Esse mesmo cavador
Que acolhemos com amor,
Pisa-nos hoje no chão.

Qué felizes que nós fomos!
E que desgraçadas sômos
Frias, inertes, perdidas.
Quanta dôr e sofrimento
Existe no esquecimento
Das pobres folhas caidas!

Tudo morreu para nós!
Perdeu-se o aroma, e a voz,
Toda a luta de viver.
O' triste ilusão dorida!
Para que temos nós vida,
Se nascemos p'ra morrer?

O Sol deixou de fulgir,
Já não sentimos a rir
O seu afago macio.
Esta vida é uma quiméra:
Nascemos da Primavera,
Morremos cheias de frio.

Vivemos com alegria
Bemdizendo a luz do dia
E o sorriso da alvorada.
Hoje, cheias de abandono,
Dormimos o eterno sono
No pó branco de uma estrada

O Amor

O Amor é ave doirada,
Que canta de madrugada,
Na primavera da vida.
E' Sol que brilha risonho;
E' um desejo, é um sonho,
Que traz a alma iludida.

São risos no coração;
São preces com devoção,
Resadas pelas tardinhas.
São os melros no pomar,
E' Jesus sôbre o altar,
Manhã cheia de andorinhas.

O Amor é grito de esp'rança,
E' ser mulher, ser criança...
Pranto enlaçado a rir.
São folhas soltas ao vento,
São horas de esquecimento,
Roseira sempre a florir.

Balada dos olhos morênos

Olhos morenos, nublados,
Que seguem angustiados,
O longo trilho da vida
Olhos morenos de mágoa
A's vezes rasos d'agua
Numa expressão dolorida.

Olhos morenos, brilhantes,
Risonhos como diamantes,
Sobre um rôlo de mulher.
Olhos lindos de ternura,
Mais doces do que a amargura,
Mas belos do que o prazer.

Olhos que dizem amor
Que teem p'ra toda a dôr
O consolo dum olhar.
Olhos côr da noite escura
Que apezar da sua negrura
Nos vêm encher de luar.

Olhos que pedem carinhos,
De joelhos, pobrezinhos,
No altar do sentimento.
Orações de mago encanto,
Rosarios feitos de pranto,
Suspiros de desalento.

Os olhinhos do engeitado
Que vai seguindo magoado,
Pelo mundo triste e só,
Se têem a côr morena,
Porque nos metem mais pena,
Porque nos causam mais dó!

Olhos morenos são lume
Que tem gosto e tem perfume,
Que inspira odio e paixão.
São brasas num rosto ardente
Que a olhar serenamente
Vão queimando o coração.

Olhos morenos, dolentes,
A's vezes impertinentes;
Outras vezes desgraçados.
Olhos macios como arminho,
Que riem sob um carinho
E beijam quando beijados.

Os olhos dos orfãozinhos
Esmolando p'los caminhos
Carregados de amargor,
Mendigam festas a alguem,
Pedem carinhos de mãe,
Suplicam beijos de amor,

Olhos negros de carvão
Inspiram mais devoção
Numa alma sonhadora
Pois eram doces e puros
Os olhos santos e escuros
Da Virgem Nossa Senhora.

Tambem são negros, tambem
Os olhos de minha Mãe
Cheios de vida e calor,
E escuros, todos beleza,
Ai! hão de ser com certeza
Os olhos do meu Amor!

A Cidade

Chá das cinco

Em surdina

Vou, ao sabor do sentimento, como guiga veleira ao sabor da corrente... Vou, sem saber para onde. Fechei os olhos, esqueci o mundo concreto, tentei vêr o misterio da Vida... Como são belos os astros que se vêm de olhos fechados — e como a vida é melhor quando adivinhada apenas. O que nos mata é a nossa vista — são os nossos olhos.

Ceguinhos, deveis ser felizes. A vossa treva é um sonho continuo de divinas claridades. E um sonho continuo é uma realidade eterna.

* * *

Vou, ao sabor do sentimento, como casca de nós ao sabor das aguas... Vou, sem saber para onde.

Emudeci — nem, sequer, uma palavra de amor. Silencio e solidão. Como são belas as palavras que se não dizem, as falas que ninguem ouve... O que nos mata são as palavras — a nossa voz insuficiente.

Mudos, deveis ser felizes. O vosso silencio é um anelar continuo de divinas linguagens. E um sonho continuo é uma realidade eterna.

* * *

Mas, despertei. Abri os olhos e cantei. Cantei como se visse o mundo á luz sonhada pelos cegos, e como se a minha voz tivesse a altura divina da voz que sonham os mudos.

* * *

Amor, aqui tens uma pequena balada para me adormeceres, em surdina.

Alves Martins

ESPECTACULO EMOCIONANTE

A RECITA DO DIA 20 EM S. CARLOS

As duas companhias de Lucilia Simões e de Amelia Rey Colaço, ensaiam com invulgar e estimulante carinho as peças de François Coppée — «Le Passant» — e de Norberto de Araujo «Oh Fonte de Agua Cantante», para a recita sensacional de S. Carlos, no dia 20, e na qual, pela primeira vez, Lucilia e Amelia representam no mesmo palco.

E' um acontecimento de arte e de emoção — espectaculo sugestivo acima do reclame trivial! — e no qual «La Goya» comparticipa, por amavel concessão do Eslava, de Madrid.

A procura de bilhetes excede as previsões, e deixa supôr, a par de uma recita selecta e elegantemente concorrida uma noite de brilhantismo para o palco historico de S. Carlos.

De Madrid vêm a Lisboa, com «La Goya», o director scenico do Eslava, e alguns escritores do teatro espanhol.

Ao Espectaculo assiste tudo o que de Lisboa possue de mais representativo em bom tom, letras e arte.

O levantamento dos bilhetes faz-se amanhã em S. Carlos, e as marcações respeitam-se até sabado.

AS COLONIAS

O que diz ao Diario de Lisbôa sobre a actual situação de Angola o governador do B. N. U.

João Ulrich

A situação de Angola continua a ser uma das grandes preocupações de todos os bons portuguezes, e especialmente, como é natural, daqueles que tem interesses directos no levantamento daquela grande colonia.

Os representantes dos interesses economicos de Angola reunem-se hoje, ás 21,30, pela quarta vez, na Sociedade de Geografia.

Ali ouvirão uma conferencia do sr. dr. João Ulrich, ilustre governador do Banco Nacional Ultramarino, ácêrca da actual situação financeira e bancaria da Provincia de Angola, das razões que levaram o Banco a adoptar o sistema que ali está seguindo, e das soluções que julga necessarias á resolução daqueles problemas.

* * *

Procuramos esta tarde no Banco Nacional Ultramarino, o ilustre conferente. E o sr. dr. João Ulrich, que, se não se contentasse com ser um financeiro competentissimo, tinha qualidades para ser um grande politico e um grande diplomata, abandonou por uns minutos o Conselho do Banco só para nos atender!

—Estou ás suas ordens.

—Queriamos que nos dissesse, em resumo, o que vai expôr largamente esta noite!

—Não escrevi a minha conferencia. Não tenho nenhum geito para recitar. Mesmo nos meus tempos de rapaz, nunca fui amador dramatico...

—Mas sabe o que vai dizer e, pode dar-nos em sintese a sua opinião sobre Angola e sobre a acção do Banco Ultramarino...

—Posso... Olhe. A minha conferencia está aqui...

E mostra-nos algumas dezenas de paginas. Não conteem frases nem principios. Apenas a enunciação dos assuntos.

—A acção do Banco Nacional Ultramarino em Angola...

—O Banco tem cumprido todos os contractos—e tem ido mesmo muito além das suas obrigações. Demonstra-lo hei com factos e com numeros...

* * *

—E qual é a sua opinião sobre a proposta de financiamento?

—E'a veio infringir o contracto entre o Estado e o Banco Ultramarino...

—Prejudica-lo?

—Não sei. Sei que veio infringir o contracto, como o proprio ministro das Colonias — pessoa da maior competencia — o reconheceu.

—Mas o Banco não se opõe a essa proposta...

—Não. Porque se trata dum grande, dum importante auxilio á Provincia de Angola, que muito contribuirá para a solução da sua crise.

—E o Banco tem lá grandes interesses...

—E' mesmo quem lá tem maiores interesses. A vida do Banco está ligada á de Angola. Mais ainda que a do proprio Estado. Temos lá os nossos interesses — e o nosso dinheiro.

—Mas parece-lhe que o financiamento de Angola trará grandes resultados?

—O Estado confia nelea. E nós confiamos tambem no ressurgimento de Angola e nos grandes beneficios que o seu financiamento promete.

OS DEMOCRATICOS

NO congresso do P. R. P. vencerão as esquerdas

segundo José Domingues dos Santos

Nas vesperas do Congresso do Partido Republicano Português, o sr. dr. José Domingues dos Santos era uma das primeiras individualidades a ouvir.

O ilustre orientador da feição esquerdista do partido, conversou, nos Passos Perdidos, com o jornalista — e da pequena conversa resultou a entrevista seguinte:

—Quais serão os resultados do Congresso?

—Vá a frase de estilo: uma vitoria absoluta das forças partidarias.

—Não faça «blague». Isso está abaixo da sua inteligencia.

O dr. José Domingues dos Santos, entrando a sério na conversa:

—Olhe, quero crer que ficará devidamente assente a posição do partido.

—E essa posição...

—E' a esquerdista, de harmonia com as resoluções do Congresso do Porto.

—Mas essas resoluções não foram totalmente realizadas...

—Não o podiam ser, visto a heterogeneidade de vistas do Directorio.

—Do actual Congresso sairá a eleição dum novo Directorio?

—Não sei. O que sei, o que deve sair é a posição do partido — eliminados os rotulos de conservadores e radicais com que é de uso baptisarem-nos. O Partido Republicano Português tem um caminho a seguir — e esse caminho é o das esquerdas. Isso ficou devidamente marcado no Congresso do Porto.

—Mas, além de ficar marcada a posição do partido, ficará tambem marcada a sua união partidaria?

—Não sei. E' possivel que haja discordancias. Mas quem marca a posição do partido é a maioria, e a maioria é pelas soluções avançadas. O caminho é para as esquerdas...

—Em face desse principio como interpreta a queda do gabinete Herriot?

—Não depõe nada essa queda contra as ideias esquerdistas. Em França está-se dando o que já se deu em Portugal. A Camara dos Deputados pensa duma maneira e o Senado duma forma diferente.

—Continua mantendo a sua intransigencia com a Igreja Catolica?

—Como?

—Desejando a supressão da nossa legação no Vaticano?

—Nunca puz esse problema em nenhum congresso. O que desejei e continuo desejando é o restabelecimento integral da lei da separação, com pequenas modificações. Mais nada.

—Conta, pois, com uma vitoria esquerdista dentro do Partido?

—Conto que o partido a que pertenço reate o fio das suas tradições — que os azares têm por vezes, interrompido. Eu não desanimo. Nem desanimarei nunca. Quem vai á guerra dá e leva. Ora eu tenho apanhado muita tareia, mas tenho tambem conquistado muitas simpatias. Serva-me isso de consolo para bem do Paiz e da Republica.

A Cidade

«Á SENSATION...»

OS trabalhos

da policia sobre um presuntivo

assassino de D. Eduardo Galo

As complicadas diligencias que agentes da policia espanhola têm realizado em Lisboa, de acôrdo com agentes portuguezes — e que o nosso presado colega «O Seculo», por uma maneira interessantissima, aproveitou para quatro colunas de prosa «á sensation», constitue um «fait divers», com indiscutivel merecimento de curiosidade, e que prendeu a atenção do publico de Lisboa.

Seguimos hoje a pista posta pelo «Seculo», e apurámos o seguinte:

O agente Reis e Sousa subia no domingo á noite a Avenida da Liberdade, em companhia dum primo seu que é guarda civil de Espanha e se encontra em Lisboa de licença. Proximo do coreto, onde toca a musica para os «habitués» da Avenida, aos domingos, três individuos, em estado de embriaguez, desataram a insultar os agentes da autoridade que pacatamente subiam. Esses três individuos foram presos e responderam no Tribunal dos Pequenos Delictos.

E o caso do café Abadia? — preguntarão os leitores que leram a noticia desenvolvida do «Seculo». Nada mais simples, tambem: Ha cinco ou seis dias começou a aparecer no café Abadia um subdito espanhol acompanhado duma senhora que se dizia artista teatral. Esta senhora, que não queria ser contrariada já, por estar á espera do guarda-roupa — tinha despezas de pessoa rica e apeava-se sempre dum automovel fechado.

O caso tornou-se suspeito. E o agente Custodio das Dôres, por sua vez comunicou ao sr. Ferreira do Amaral que estava no café Nacional, começando, então o tenente Lopes Soares a proceder ás investigações.

Procurou-se o referido par — que já tinha embarcado para o Brasil, a bordo dum vapor holandês. Soube-se depois que eles se hospedavam no «Sul Atlantic Hotel» na rua da Gloria, onde eram conhecidos por Bonifacio Galon e Josefa Cortes.

Um outro subdito espanhol que sempre acompanhava o suspeito par, levado pelo tenente Lopes Soares ao posto de policia do Teatro Nacional, declarou chamar-se Juan Galvez, artista de profissão, morador na rua de Santa Marta, 82, 2.º. O oficial de serviço pediu informações ao sr. ministro de Espanha, pelo telefone. Este confirmou as declarações, pelo que o Galvez foi posto em liberdade.

Lotaria de hoje

9477....	300.000$00	4237....	2.000$00
7115....	50.000$00	5971....	2.000$00
8096....	15.000$00	6251....	2.000$00
817....	2.000$00	6650....	2.000$00
2837....	2.000$00	6772....	2.000$00
3093....	2.000$00	7377....	2.000$00
3720....	2.000$00		

A DIPLOMACIA

O que diz ao Diario de Lisbôa sobre o „modus-vivendi„ luso-francez o nosso ministro em Paris

Antonio da Fonseca

Encontra-se em Lisboa o sr. dr. Antonio da Fonseca, Ministro de Portugal em Paris, que negociou e assinou, por Portugal, o «modus-vivendi» com a França, ha tanto tempo reclamado pelos dois países, e cujo estudo se ia protelando indefinidamente.

Apesar de o ilustre diplomata não ter vindo a Lisboa em missão oficial, mas por um devotado encargo do seu coração de filho — por seu pai estar perigosamente enfermo — procurámo-lo hoje para o ouvir sobre o «modus-vivendi».

Não se recusa a falar á imprensa, como é seu timbre, o antigo e inteligentissimo homem publico:

— Tive a felicidade de poder ultimar este negocio diplomatico utilissimo para o nosso país. De facto, o «modus-vivendi» era uma reclamação instante, e urgia resolvê-lo. A França foi particularmente atenciosa para Portugal.

— Vantagens do acôrdo?

— Para a França, a abertura do mercado portuguez para alguns dos seus artigos mais procurados. Não precisamos nós de conceder nada de novo. Apenas o que concediamos no antigo acôrdo, denunciado em junho de 1923.

— Para Portugal?

— Além do estipulado no antigo acôrdo, mais — o que é importantissimo — a entrada dos vinhos do sul, até 150.000 hectolitros, e a entrada, sem sobretaxa de entrepostos, do Cacau de S. Tomé e Principe, que até aqui só podia entrar em França, sem aquele tributo, vindo directamente de origem para França.

— De uma maneira geral...

— O *modus vivendi*, sob o ponto de vista comercial, coloca-nos muito perto do tratamento de nação mais favorecida, e estabelece a pauta minima para todos os nossos produtos, com exclusão dos vinhos comuns, que têm um limite de entrada e que pagarão uma taxa de 30 francos por hectolitro. A entrada dos nossos vinhos licorosos, sem ser do Porto e Madeira, desde que tenham a graduação superior a 16 e meio graus, é uma consideravel vantagem. Não estava no anterior acôrdo.

— Os vinhos do Porto e Madeira?

— Ficam na situação favorecida anterior á denuncia do tratado. A Camara do Comercio de Paris tem hoje uma comissão de repressão de fraudes contra os nossos produtos, e a clausula de garantias daquelas marcas mantem-se, com o maior interesse comercial e até moral para os nossos vinicultores.

Aludimos a algumas observações que têm sido feitas ao acôrdo.

— Os interesses de Portugal estão acautelados. Repito que nós não «concedemos nada de novo» e que conseguimos «vantagens novas». A critica imparcial compreende o valor comercial, para nós, do *modus vivendi*; quanto aos reparos, para serem justos, têm de partir do confronto das disposições do *modus vivendi* de agora, e daquele que foi denunciado ha dois anos. E o confronto, visto assim, não sofre a mais pequena critica depreciativa.

O ilustre diplomata diz ainda:

— O que Portugal tem a fazer, e para isso estou pronto a trabalhar na parte que me pode caber, é estudar a protecção efectiva ás marcas regionais. Como se sabe, além das disposições internacionais, ha a lei franceza de Maio de 1919, que, por decreto de Julho de 1922, aplica a Portugal as disposições que se referem a marcas de origem. Isto é importantissimo.

No que se refere aos vinhos do sul, diz o sr. dr. Antonio da Fonseca:

— Portugal não deve pensar em criar em França mercado para os vinhos lisos ou comuns. A França consegue a produção anual de 80 milhões de hectolitros, e nós na melhor das hipoteses não vamos além de 5 milhões. E' tarefa comercialmente inutil, a menos que acontecesse, o que está previsto apenas, que em França a criação de uma nova tarifa para importação de vinhos, e a denuncia do tratado franco-espanhol, nos colocasse em condições de podermos concorrer com o vinho francês.

— Quanto a um tratado futuro?

— Creio que podemos chegar a um tratado definitivo com a França, e não apenas a um *modus vivendi*. Esse tratado seria mais amplo, e dele poderemos lucrar grandes vantagens.

E a fechar:

— O *modus vivendi* colocou-nos em explendidas condições. A França adquiriu vantagens, que já tinha, e Portugal vantagens antigas e outras novas. As divergencias que podem aparecer dizem respeito a disposições da nossa politica interna economica. O Norte não foi prejudicado, nem o Sul favorecido em prejuizo do Norte. A França não perdeu e Portugal ganhou. Eis tudo.

Pelos teatros

Gil Ferreira

Faz amanhã a sua festa artistica, no teatro Politeama, com a graciosa e divertidissima comedia «A Cristinazinha», o brilhante actor Gil Ferreira, uma das figuras

GIL FERREIRA

mais caracteristicas e mais vivas do nosso teatro ligeiro. Temperamento realista, forte de emoção, impressivo de graça reservada de entrelinha — Gil Ferreira vai ter amanhã a justa homenagem que merece a sua vida e o seu trabalho artistico.

Nascimento Fernandes

Faz hoje a sua festa no Politeama, com um programa formidavel, o gordissimo e sempre agradavel actor Nascimento Fernandes, já uma gloria da nossa comedia portugueza e um grande actor de comedia, artista na perfeita acepção da palavra.

Atrás do reposteiro

O teatro Avenida encerra amanhã as suas portas, até á estreia, no dia 1 de maio, da companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, que ali estreará as peças «Era uma vez uma ...», «O autor dos meus dias», tradução de José Sarmento, e outras.

— O Eden Teatro inaugura amanhã as suas «matinées» elegantes á quinta-feira, fazendo a troupe sueca Ellesiff, completa, um programa inteiramente novo e estreando-se a bailarina Neriva, uma acrobata e os excentricos Pe....

— Comunica-nos a empresa do teatro Joaquim de Almeida não estar nada assente sobre trabalhos presentes ou futuros entre a referida empresa e o actor Carlos Santos.

— A montagem da opereta-revista «A capital federal», no Trindade, obedecerá absolutamente ás rubricas do seu autor, pois vai possuir um finale de actos magnificos, representando apoteoses de efeito.

— Está para breve a inauguração do Teatro Novo, que vai ficar uma das mais lindas salas de espectaculos de Lisboa. A peça de estreia é o «Knock».

— Novas noticias chegadas do Funchal, dizem que continua a accentuar-se ali o sucesso da companhia de opereta Satanela-Amarante, trabalhando sempre com casas cheias, no teatro Dr. Manuel de Arriaga.

— A companhia Lucilia Simões-Erico Braga, mercê das propostas que tem recebido, depois da sua temporada em S. Carlos, é possivel que faça uma digressão a Espanha e realize espectaculos seguidos em Portugal, pelo menos até ao final do mez de agosto.

— O teatro Politeama explorará durante o verão uma companhia de comedia e farça, da qual faz parte Nascimento Fernandes; o Trindade, depois da opereta «A Capital Federal», montará uma revista-fantasia de grande espectaculo; o Eden Teatro estreará em junho uma companhia de revista, com uma peça de André Brun, da qual será director artistico o ensaiador-encenador Sant'-Ana, e o Maria Victoria abrirá a revista por sessões, inaugurando a epoca no sabado com a «Malaplana».

— Entre as muitas revistas que a Companhia Antonio Macedo poz em scena no Brasil, conta-se «O Tim-Tim por Tim-Tim».

— A Empreza Pina e Bicha, do teatro Covilhanense, na Covilhã, contratou a Companhia Espanhola de Pedro Barreto para uma serie de espectaculos naquela cidade.

— Chegaram noticias do Funchal referentes á estreia naquela cidade da Companhia Satanela-Amarante, no dia 3 do corrente, tendo-se representado a opereta «Mito Diabo».

SOCIEDADE
Lusitana de Comercio, Ltd.ª

Torna-se publico que por escritura de 3 de Abril do corrente ano, celebrada no cartorio do notario José Pires de Noronha Galvão, foi alterado o pacto desta Sociedade pelos artigos seguintes:

Artigo 1.º — A Sociedade continua a adoptar a denominação de «SOCIEDADE LUZITANA DE COMERCIO, LIMITADA», e tem a sua séde na rua do Alecrim, 43, 1.º.

[illegible]

(a) *José Pires de Noronha Galvão.*

ANUNCIO

Pela presente são citados quaisquer interessados para deduzirem [illegible] no prazo maximo de 30 dias, a contar da publicação do presente anuncio, [illegible] Tomás [illegible] 1911 [illegible] de Isabel Tomás.

Lisboa, 4 de Abril de 1925.

O Ajudante da 1.ª Conservatoria do Registo Civil
João Evangelista da Cunha Barrocas

ESTRANGEIRO

FRANÇA

Herriot

será o futuro

MINISTRO

de negocios estrangeiros?

PARIS, 15

Painlevé iniciou esta manhã as suas diligencias para a organização do seu ministerio, apesar de ter reservado uma proposta ao convite do Presidente da Republica.

Espera-se que o sr. Painlevé tenha amanhã já elaborada a lista dos seus colaboradores, em virtude do partido socialista lhe conceder o seu apoio.

Afirma-se que Herriot sobraçará a pasta dos Negocios Estrangeiros, e o sr. De Monzie a das Finanças. — (L.)

Reunião

aguardada com interesse

PARIS, 15

A Liga Nacional Repu. cana realiza no dia 23 do corrente um grande comicio no circo de Paris, no qual fará uso da palavra Millerand, seu presidente.

Esta reunião politica é aguardada com grande interesse, pois nela o antigo presidente da Republica indicará os principios da politica administrativa da Liga, em vesperas das eleições municipais. — (L.)

Foch

e a organisação Nollet

PARIS, 15

Segundo os jornais, o marechal Foch, que no dia 23 entregará a Cruz de Guerra Franceza á cidade belga de La Croix, declarou-se contrario ao projecto da reorganisação do exercito, da autoria do general Nollet, por o considerar presentemente inoportuno, visto equivaler ao desarmamento. — (L.)

Londres

e a demissão de Herriot

LONDRES, 15

A demissão de Herriot continua a preocupar os circulos politicos, sendo especialmente sentido pelos trabalhistas.

Macdonald, lamentando a queda do seu amigo, disse que ele caiu vitima da politica errada que faz cair todos os governos que não equilibram o seu orçamento, criando assim uma dificil situação economica e financeira. — (L.)

EM NIMES

Uma enfermeira

envenenou

o amante e cinco doentes

para os roubar

Em Nimes acaba de se constatar uma serie de crimes repugnantes praticados por uma enfermeira italiana, Antoinette Scieri.

Foi depois da morte misteriosa do seu amante Rossignol, em Saint-Gilles, que Antoinette se tornou suspeita de ter envenenado cinco pessoas que tratára e que morreram da mesma forma.

As primeiras investigações estabeleceram solidamente a hipotese dessa serie de crimes. O medico, que tratou esses doentes, ficou vivamente espantado com a força dos fenomenos de intoxicação que observou.

Sobretudo, no que respeita a Rossignol, os fenomenos sucederam-se com uma grande rapidez, apesar de ter sido empregado um remedio energico, que desembaraçou rapidamente o estomago e os intestinos de todos os produtos nocivos. O estado do doente, apesar disso, continuou a piorar e o infeliz morreu no meio dos mais horriveis sofrimentos.

Tudo se passou como se Rossignol tivesse ingerido uma enorme dose de um veneno violento.

* * *

Ha dias, quando o juiz de instrução procedia a um inquerito, uma sexta pessoa, doente havia algum tempo, morreu nas mesmas circunstancias.

Em presença deste facto novo, o juiz decidiu que não se procedesse a nenhuma exumação, e que, de momento, apenas fosse autopsiada a ultima vitima.

O doutor Granel, medico legista, procedeu á operação, enviando as visceras para o laboratorio de Montpellier.

Interrogada, Antoinette negou com veemencia ter tido qualquer intervenção nessas seis mortes. E uma busca, feita no seu domicilio, não deu qualquer resultado.

Transferida para a prisão de Nimes, a miseravel, habilmente econtaladas por Gony, o juiz de instrução, acabou por confessar.

Declarou que envenenara o seu amante e duas outras pessoas. Servia-se, para a sua sinistra obra, de um produto de base arsenical, empregado na viticultura — o pyrallion.

A megera tinha por cumplice Rosalia Cire, de Saint-Gilles.

O mobil dos crimes foi o roubo.

Varias diligencias foram feitas, tendo sido presa a cumplice e apreendida uma porção de veneno.

Rosalia nega ter tomado parte em qualquer destes repugnantes crimes.

As outras cinco vitimas vão ser exumadas por estes dias.

CRIME COMUNISTA

O rei da Bulgaria

é vitima dum atentado

e fica ligeiramente ferido

SOFIA, 15 — Um grupo de seis comunistas que se encontrava oculto por detraz de umas arvores que orlam a estrada de Sofia a Orchanio, assaltou o automovel em que o rei Boris se dirigia para uma caçada.

Quando o auto começava a subir uma rampa, foram disparados do grupo numerosos tiros de pistola sobre o soberano, que ficou ligeiramente ferido no labio. O oficial ás ordens do monarca e o naturalista Iltchef foram mortos e o «chauffeur» sofreu ferimentos graves.

Ao cair o «chauffeur», o rei lançou mão do volante, e, ao virar o carro em direcção a Sofia, aquele foi esmagar um dos assassinos. Os outros cinco conseguiram fugir, defendendo-se a tiro de um automovel com policia, que os perseguiu, e que seguia o automovel real. — (L.)

BERLIM

O caso

da propaganda

ELEITORAL

do marechal Hindenburgo

BERLIM, 15

Os partidos da direita que apoiavam o dr. Jarres recusaram-se a contribuir financeiramente para a propaganda eleitoral do marechal Hindenburgo ao segundo escrutinio, tendo retirado a promessa já feita de 130.000 marcos para diminuir o «deficit» de 200.000 apresentado pelas contas da propaganda da primeira eleição.

Alguns adversarios do marechal acusam-no de responsavel pela vitoria dos aliados em 1918. — (L.)

Marx

e as relações externas

BERLIM, 15

O ex-chanceler Marx declarou num comicio eleitoral que a politica externa da Alemanha se deve orientar no sentido duma «entente» com os seus antigos adversarios. — (L.)

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	96$60	96$70
Paris	—	1$07
Madrid	—	2$96
New-York	—	20$70
Amsterdam	—	8$26
Suiça	—	4$00

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Bruxelas	—	1$05
Italia	—	$85
Praga	—	$62
Brazil	—	2$30
Libra esterlina	102$00	110$00
Agio do ouro	—	—

POLITICA

O ACTUAL GOVERNO

tem a vida

DEPENDENTE DO QUE FOREM

as sessões parlamentares

E' já positivo, segundo nota oficiosa enviada á imprensa, que os parlamentares nacionalistas não voltam a S. Bento. No entanto, é fóra de duvida, que uma forte corrente desse partido é de opinião contraria a essa atitude, como é contraria á abstenção eleitoral. Segundo, porém, nos afirmam, o partido nacionalista, se o partido democratico fizer as eleições, não irá ás urnas.

* * *

Aproxima-se o Congresso do P. R. P. Muito se tem dito e afirmado sobre os nomes e listas para o futuro directorio, uns, negando a existencia de trabalhos nesse sentido, outros, dando-os como unificados numa lista neutra. Podemos afirmar, sem receio de desmentidos, que tal se não dá, e que as duas correntes litigantes apresentarão lista propria. Os «canhotos» apresentar-se-hão no Congresso de cabeça levantada, defendendo [illegible] os seus pontos de vista. A lista que apresentarão ao sufragio dos correligionarios é aproximadamente aquela que ha dias registámos e que, segundo informações seguras, está tendo [illegible].

* * *

Por seu lado, os «bonzos» estão [illegible] a maneira de, com uma «camouflage» neutral, fazerem vingar a sua lista, chamada de acalmação, e onde á ultima hora seria metido o nome do sr. Antonio Maria da Silva que, embora com menos votação, no entanto, ficaria eleito.

Como vêem, a luta promete ser renhida, ao contrario do que afirmam e espalham os correligionarios optimistas.

* * *

A respeito do actual governo, nada se póde afirmar neste momento. A sua vida depende da maneira como decorrerem os trabalhos do Congresso. Mas, vença qualquer das correntes, dificil será ao sr. Vitorino Guimarães aguentar-se, tanto mais que a chave do acto eleitoral está no ministerio do Interior e o sr. Vitorino tambem não é o ministro que mais convém a nenhuma das pastas.

Mais uma sorte grande

Mais uma vez a feliz casa de José Dias & Dias, sucessores de CAMPEÃO & C.ª vendeu hoje o numero 9477, ao qual competiram os 300.000$00.

Esta casa é uma das mais acreditadas tanto em Lisboa, como na provincia pela prontidão com que atende os seus numerosos fregueses.

Encontra-se já á venda grande variedade de bilhetes para a proxima loteria de Santo Antonio.

Os pedidos deverão ser feitos a Campeão & C.ª, rua do Amparo, 118, Lisboa.

O assalto ao cobrador

Responderam hoje no Tribunal dos Pequenos Delictos, do Governo Civil, sob a presidencia do dr. Pinto de Magalhães, Antonio Viegas, Manuel Viegas e Antonio Paz, serralheiros, acusados de ameaçarem as testemunhas que iam depôr no processo referente ao assalto ao cobrador.

Os réus foram absolvidos, tendo sido defendidos pelo estudante de Direito sr. Campos Coelho.

Amanhã segue para a B. Hora, juntamente com o processo do assalto, o «chauffeur» José Dias das Neves.

Monumento ao Marquês de Pombal

Amanhã, pelas 16 horas e meia, são visitadas, pela grande Comissão do monumento ao Marquez de Pombal, Camara Municipal, e Imprensa, sendo em seguida permitida a entrada ao publico, as obras de excavação concluidas para os caboucos do referido monumento.

A TARDE PARLAMENTAR

Uma briga na Povoa de Varzim

por causa das eleições

O sr. Carvalho da Silva chamou a atenção do sr. ministro das Finanças, não se percebeu para quê. O sr. ministro das Finanças respondeu, dizendo não se soube o quê.

* * *

O sr. Tavares de Carvalho, a baratear a vida, chamou a atenção do sr. ministro do Comercio para o facto de muitos empregados da linha do Douro pejarem os comboios com embrulhos, em prejuizo dos passageiros, que pagam.

Segundo o persistente parlamentar, os sobreditos ferro-viarios enchem os comboios com a familia e ainda por cima com pacotes varios, em que transportam, para negocio, todos os generos alimenticios, desde as amendoas ao arroz, e desde o milho ao queijo.

O sr. ministro do Comercio concordou com os comboios. O da Agricultura, chamado a terreno por causa do arroz, concordou tambem de certa maneira que a gente não percebeu bem por culpa, está claro, das más condições acusticas da sala.

O sr. Tavares de Carvalho voltou á carga: foi postar-se em frente do ministro, a fazer que sim e que não, com a cabeça, e a enfiar o caracol do bigode. O ministro passou a tratar o caso em familia. Replica e treplica, o deputado retruca, o membro governamental retruca tambem. O sr. Joaquim Ribeiro, encostado no peitoril duma secretaria, olha os vidros da claraboia, como que abstracto na congeminação de qualquer plano complicado. Ninguem ouve o que se diz; ninguem se importa com a sabatina.

Uma voz do centro:

—Por que raio não resolveram êles isto quando vinham no carro electrico?

* * *

O sr. Carlos Olavo, a tirar a cabeça de dentro do colarinho e a procurar o sr. ministro do Comercio, com os olhos, por todos os recantos da sala:

—Senhor presidente: pedia a atenção do senhor ministro do Comercio. Aonde está ele? Inda agora o vi alem... Hem'esta?! Onde se terá metido?

Toda a gente procura onde está o ministro. Saem contínuos apressados, por todas as portas, a secundar a busca, e o sr. Carvalho da Silva comentou:

—Foi lá dentro. Está a estudar o problema das estradas.

Efectivamente, o sr. Ferreira de Simas veiu lá de dentro, donde se encontrava, e o sr. Carlos Olavo pediu-lhe contas por causa da navegação para a Madeira.

Entusiasmo do orador; explicações do ministro; o sr. Jaime de Sousa, que é ilhéu, mete-se na contenda; esboça-se um conflito por causa duma palavra.

—Sr. presidente: rectificou o ilustre deputado...

—Perdão!

—O sr. Carlos Olavo rectificou a sua opinião...

—Perdão!

—Perdão!

—Não rectifiquei coisa nenhuma!

—Como ia dizendo, sr. presidente, o ilustre deputado sr. Carlos Olavo...

—Dá-me licença?

—Perdão!

—Não pode ser! Está a partir de um principio errado...

—Dizia eu...

—O que eu disse...

E fizeram as pazes.

* * *

Já começou a luta eleitoral em Povoa de Varzim. Deu sinal disso o sr. Pires Monteiro, contando que os republicanos já lá andam á briga uns com os outros, a pontos de ter sido preso o sr. Santos Graça, apodado de «bonzo» na giria politica dos partidos.

O sr. ministro leu um telegrama em que se diz que os desordeiros bateram na policia e foram maltratados com as autoridades. O sr. Pires Monteiro, com voz de menina chorosa, teimou na sua; o sr. José Domingues dos Santos, que é «canhoto»—quer dizer: hostil aos «bonzos»—meteu-se na disputa; o sr. Domingos Pereira, na presidencia, martelou o tampo da mesa com o bordo da campainha, para pedir ordem; outros se exaltaram, zelosos da disciplina, e o sr. Pires Monteiro, muito nervoso, concluiu nêstes termos confiantes:

—Confio absolutamente na... na... isenção... no prestigio do sr. ministro do Interior, crente de que... ahh?... seguro de que... s. ex.ª... sim... crente de que... emfim... se fará inteira justiça e factos como este não possam repetir-se.

30 QUILOS

de cedulas falsas

foram hoje apreendidos

A' hora de fecharmos o nosso jornal, chega-nos a noticia de que o sub-director da policia de investigação criminal, acompanhado do chefe Alfredo Maria e do agente Piedade, procedeu a uma importante diligencia em Linda-a-Velha, tendo descoberto uma fabrica de cedulas falsas e de bilhetes postais, sendo apreendida a respectiva maquina e varios ingredientes, bem como um saco cheio de cedulas com o peso de 30 quilos.

Em consequencia da queixa, por parte de dois comerciantes, a policia da 3.ª secção passou hoje uma busca ao quarto da porteira do predio n.º 48 da Rua da Trindade, prendendo-a, bem como o seu marido, como passadores de cedulas falsas de 10 centavos. Foram-lhes apreendidas 3800 cedulas falsas.

PAINLEVE

vai organisar governo

PARIS, 15. — Painlevé comunicou ao presidente Doumergue que aceita o encargo de formar governo e que hoje mesmo fará «démarches» nesse sentido. — (H.)

DE LUTO

Acacio Lopes Cardoso

Produziu grande comoção tanto em Lisboa como em Traz-os-Montes, onde tinha casa, o falecimento do dr. Acacio Lopes Cardoso, distinto magistrado e ex-deputado da nação. O «Diario de Lisboa» apresenta os seus sentimentos a toda a familia enlutada.

NOTAS...

O FINANCIAMENTO

de Angola

REMEDEIA A PROVINCIA

só durante um ano?

Reuniu-se ontem o Directorio do Partido Nacionalista, que tratou de politica geral e das proximas eleições. Mais uma vez se abordou o regresso do partido ás camaras, mantendo-se a atitude de afastamento.

* * *

O sr. Cunha Leal vai em Maio a Coimbra, reassumir as suas funções de reitor da Universidade, o que não o impedirá de tomar parte activa na politica.

* * *

O programa da campanha eleitoral do Partido Nacionalista já foi publicado no *Diario de Lisboa*. O sr. Cunha Leal propõe-se deputado pelo circulo de Chaves. Esta vila, que já na anterior legislatura o tinha eleito, presta assim uma homenagem a quem tão nobremente defendeu Antonio Granjo, filho de Chaves. O sr. Cunha Leal vai brevemente a uma das cidades do Algarve inaugurar um centro politico que tem o seu nome.

* * *

—Quando se fazem as eleições?

Uma opinião sincera e interessante:

—Se o partido democratico quere continuar no poder durante quatro anos, dando os exemplos de incompetencia, que constituem a sua maior riqueza politica—as eleições podem ser feitas o mais depressa possivel.

—E se não quizer...

—Se quizer colaborar numa obra de esclarecimento politico será o primeiro, voluntariamente, a adiá-las até que a consciencia do país, pelo conhecimento dos programas de todos os partidos, saiba o que pretende e o que quere.

* * *

—A situação do governo?

Um deputado independente:

—Em Portugal todas as situações provisorias são definitivas. E' o caso do actual ministerio. Como não faz nada, ninguem dá por ela.

* * *

—Angola?

—Está remediada por um ano, com a proposta de financiamento.

—E salva-se...

—Daqui a doze mezes a questão renascerá mais intrincada e acêsa.

A experiencia

das novas escadas «Magyrus»

Com a assistencia dos vereadores srs. dr. Alfredo Guisado, Alexandre Ferreira, Pires da Cruz, Marques da Costa, Raul Caldeira, de varios oficiais do exercito, bombeiros municipais e voluntarios e oficiais da policia, realizou-se hoje, no Rossio, ás 2 horas da tarde a experiencia de duas magnificas escadas «Magyrus» automoveis recentemente adquiridas na Alemanha e destinadas aos quarteis 1, Avenida Presidente Wilson e 7, da Avenida Dalmaores de Chaves.

As novas escadas sobem automaticamente a uma altura de 30 metros.

Trata-se dum melhoramento dos mais importantes que a Camara tem prestado aos seus municipes.

Dirigiu as experiencias o comandante dos Bombeiros Municipais, tenente-aviador sr. Rodrigues Alves.

Festas elegantes

Hoje, pelas 8 e meia horas, realiza-se no Club Maxim's um jantar concerto extraordinario, á portuguesa, oferecido pela Direcção deste Club, aos seus consocios.

No proximo sabado, no mesmo Club realiza-se a festa do lirio, festa original que está despertando o maior interesse.